

CRIAÇÃO FILOSÓFICA A PARTIR DA NOÇÃO DE IDENTIDADE PESSOAL E MÔNADA¹

Rayane Ribeiro dos Santos²

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar de que maneira acontece a criação filosófica a partir da noção de identidade pessoal e mônada. Para isso, é necessário abordar como esses conceitos são constituídos, desta forma utilizaremos dois autores, Leibniz e Locke, para fazer essa apresentação. Feito isso, iremos abordar como acontece o caráter criativo em Derrida e Deleuze, para por fim mostrar como ocorre essa criação filosófica.

Palavras Chave: Leibniz; Locke; Derrida; Deleuze; Mônada; Identidade Pessoal.

Abstract: The purpose of this article is to present how philosophical creation happens from the notion of personal identity and monad. For that, it is necessary to approach how these concepts are constituted, in this way we will use two authors Leibniz and Locke to make this presentation. That done, approach how the creative character happens in Derrida and Deleuze, to finally show how this philosophical creation occurs.

Keywords: Leibniz; Locke; Derrida; Deleuze; Monad; Personal Identity.

Considerações Iniciais

Esse texto será apresentado em duas partes. A primeira parte consiste em abordar como o conceito de mônada e identidade pessoal são constituídos. Para isso, iremos utilizar duas obras importantes, uma é a do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), com o livro intitulado *Novos ensaios sobre o entendimento humano*³ (1765) e a obra do filósofo inglês John Locke (1632-1704), com seu texto intitulado *Ensaio sobre o entendimento humano* (1689). A segunda parte consiste em apresentar a análise criativa do ponto de vista de dois autores, o filósofo Jacques Derrida (1930-2004) com seu livro intitulado *Escritura e diferença* (2014), o outro é o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guatarri (1930-1992) com o texto intitulado *O que é filosofia?* (1992). Por fim, já sabendo o que constitui a mônada e a identidade pessoal em Leibniz e Locke, faremos uma análise da criação filosófica acerca do ponto de vista de dois autores da filosofia da

¹ Trata-se de um artigo apresentado no evento da VIII Jornada sobre Linguagem: Tradução, Psicanálise e Justiça. Organizado pelo GEFILUFS (Grupo de Estudos sobre Filosofia da Linguagem do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe)

² Graduanda em Filosofia pela Universidade de Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rayribeiro425@gmail.com

³ O texto de Leibniz será referenciado neste artigo como *Novos ensaios*.

linguagem, Derrida e Deleuze, mostrando que os conceitos de mônada e identidade pessoal são exemplos de criações filosóficas.

Divergência entre Leibniz e Locke em torno do conceito de mônada e consciência

Para dar início a essa apresentação, é preciso utilizar o Livro II, capítulo XXVII dos *Novos ensaios* de Leibniz intitulado, “O que é identidade ou diversidade”, com o texto de Locke *Ensaio sobre o entendimento humano*, com o título de “A identidade ou diversidade”, onde surge o princípio de distinção⁴. Segundo Locke, o princípio de distinção é o tempo e o espaço. Para Leibniz as coisas diferem umas das outras porque há um princípio interno, em que garante que as coisas são diferentes, cito Leibniz:

É necessário sempre que, além da diferença do tempo e do lugar, haja um princípio interno de distinção; e embora haja várias coisas da mesma espécie, é todavia verdade que jamais existem coisas inteiramente semelhantes; assim, se bem que o tempo e o lugar (isto é, a relação ao que está fora) nos sirvam para distinguir as coisas que não distinguimos bem por si mesmas, as coisas não deixam de ser distinguíveis em si. (LEIBNIZ, 1992, p. 168)

Dessa maneira, Leibniz vai recorrer ao princípio de razão suficiente, que argumenta que não há razões suficientes para existirem duas coisas iguais na natureza. Assim, faz uma crítica a Locke alegando que quem faz a distinção das coisas do tempo e o espaço, são as coisas que fazem parte dele, não o contrário.

Tendo feito a caracterização do que consiste o princípio de distinção, Locke apresenta a identidade de substâncias, explicando os três tipos de substância. Cito o filósofo inglês:

Temos ideias apenas de três tipos de substância: 1. Deus, 2. Inteligências finitas, 3. Corpos. Primeiramente, Deus não tem início, é eterno, inalterável e onipresente e, portanto, acerca de sua identidade, não pode haver dúvida. Em segundo lugar, espíritos finitos, tendo tido cada um seu determinado tempo e lugar de início da existência, a relação àquele tempo e lugar sempre determinará para cada um deles sua identidade, enquanto cada um existir. Em terceiro lugar, o mesmo se dará com toda partícula de matéria, que, não lhe sendo feita nenhuma adição ou subtração de matéria, permanece a mesma. (LOCKE, 2015, p. 170)

É importante extrair dessa citação como se dá a relação entre a identidade e diversidade através das inteligências finitas, que Locke afirma que o tempo e o lugar determinam a existência. Com isso, surge uma problemática acerca da possibilidade de existir mundos em que haja tempos e lugares idênticos que possam ser compartilhados pelas

⁴ Esse princípio consiste em saber como as coisas podem se distinguir.

mesmas pessoas. Para resolver esse problema Locke introduz o princípio de individuação⁵ e caracteriza da seguinte maneira:

Do que foi dito, é fácil descobrir o que tanto se investigou, o principium individuationis, e que está claro que é a própria existência que determina um ser de qualquer tipo a um tempo e lugar particulares, os quais não podem ser compartilhados por dois seres da mesma espécie. Isso, apesar de parecer mais fácil de conceber para substâncias ou modos simples, quando se reflete bem, no entanto, não é mais difícil para substâncias ou modos compostos, caso se preste atenção àquilo a que se aplica. (LOCKE, 2015, p.171)

Leibniz, por sua vez, argumenta que as coisas se tornam individuais pelo princípio interno de distinção, ou seja, por razões internas indubitáveis. Após essas observações, Locke começa a diferenciar identidade dos vegetais (§4), identidade dos animais (§5) e identidade do homem, que denomina como:

Identidade do homem. Isso também mostra em que a identidade de um mesmo homem consiste: apenas na participação da mesma vida contínua, mantida por partículas de matéria constantemente cambiantes, em sucessão, vitalmente unidas ao mesmo corpo organizado. (LOCKE, 2015, p.173)

Em oposição a essa denominação, Leibniz introduz um conceito muito importante para sua filosofia, que é o conceito de mônada, afirmando que é um princípio de força subsistente, que são primordiais para organização de um corpo. O filósofo alemão ainda complementa que o princípio de individuação, o princípio interno de distinção, só é efetivo porque é associada a ela. Dessa maneira, se o princípio interno de distinção encontra sua realidade no conceito de mônada, ela vai estar associada ao conceito de substância, porque para Leibniz as coisas que têm substâncias são individuais.

Leibniz continua argumentando que sem o conceito de mônada, essa organização dos corpos não torna o indivíduo o mesmo, apenas permanecem o mesmo na aparência, sem permanecer o mesmo individualmente. Assim, afirma que a unidade da alma seria responsável por manter o corpo organizado, através da identidade da substância individual de cada pessoa, que continua igual mesmo sofrendo alterações. Dessa forma, Locke surge com algumas suposições acerca da alma, em que relata que os filósofos que acreditam na transmigração das almas.

Leibniz rebate essa ideia alegando que a identidade da substância individual, ou seja, a identidade do homem só pode ser mantida através da conservação da alma. Deste modo, não existe uma transmigração da alma, em que uma alma passaria para o corpo de outra. Leibniz retoma novamente, agora de forma minuciosa a noção de substância individual, em

⁵ Esse princípio é um problema clássico da filosofia escolástica, ele consiste em saber como as coisas se tornam individuais.

que relata que as pessoas são individuais, enquanto que em Locke trata-se de uma substância universal defendida por Aristóteles. Todavia, Leibniz inverte essa ideia de substância universal e diz que Deus tem ciência do individual, através do conceito de mônada e da noção completa da substância individual. A noção completa mostra que Deus sabe de tudo antes de sua efetivação, da existência. Esse saber, é a noção completa, que está em algum lugar e que será julgada no juízo final. Essa noção completa é o que compõe a individualidade, é o que há na mônada e todo conteúdo sabido por Deus, mas não é interferido por ele.

Dadas essas observações, passaremos agora a nos voltar como é constituída a noção de identidade pessoal, para isso Locke passa a tratar da identidade adequada a ideia em que alega que nem toda substância compreende ou determina todos os tipos de identidades, diz que é preciso analisar que ideia a palavra representa. Cito o filósofo inglês:

Contudo, para concebê-la e julgá-la corretamente, devemos analisar que ideia a palavra que a ela se aplica representa. Uma coisa é ser a mesma substância, outra o mesmo homem e uma terceira a mesma pessoa, se pessoa, homem e substância são três nomes representando três diferentes ideias; pois, tal como é a ideia pertencente ao nome, assim deve ser a identidade. Caso se tivesse tratado disso um pouco mais atentamente, possivelmente teria sido evitada uma boa parte da confusão que frequentemente ocorre sobre esse assunto, com dificuldades aparentes nada desprezíveis, especialmente no que concerne à identidade pessoal, que, por causa disso, devemos analisar um pouco a seguir. (LOCKE, 2015, p.173)

Para introduzir o problema da consciência, é preciso esclarecer algumas diferenças entre Leibniz e Locke. Leibniz é um inatista, ou seja, defende uma linha de raciocínio em que os princípios e noções já estão na alma, sendo assim, a alma é completa. Além disso, Leibniz é um cartesiano radical no sentido que a alma é diferente do corpo, mas tem uma relação. Para melhor ilustrar esse conceito, pensemos em dois relógios, um é o corpo e o outro é a alma, no qual os dois têm que estar em sintonia, essa sintonia é chamada de harmonia pré-estabelecida em que as ações da alma vão estar em sintonia com as ações do corpo. Já Locke é defensor que alma é vazia sem nada escrito, uma “tabula rasa”. Sabendo disso, é necessário saber que o problema da consciência consiste em saber, qual é o conteúdo da consciência que vai ser julgado no juízo final. Para Leibniz, o princípio interno de distinção resolve esse problema, pois quando chegar o dia do juízo final, o conteúdo que vai ser julgado está em cada indivíduo, ou seja, no fundo da consciência. Para Locke, isso é complicado porque ele acredita que o sujeito é uma tabula rasa, que tudo que chega até ele vem do meio externo, causando-lhe esquecimento.

Para saber um pouco mais sobre a consciência e o que constitui a identidade pessoal em Locke, é preciso saber o que o termo pessoa significa:

Pessoa, penso eu, é um ser pensante inteligente que tem razão e reflexão e pode considerar a si mesmo como si mesmo [*it self as it self*], a mesma coisa pensante em diferentes tempos e lugares, o que é feito somente pela consciência, que é inseparável do pensamento e, como me parece, lhe é essencial: é impossível para qualquer um perceber sem perceber que percebe. (LOCKE, 2015, p.176)

Após Locke mencionar a noção de consciência, é possível perceber que ele apresenta um conceito de *eu*⁶ que é independente da substância material e imaterial, mostrando que o *eu* passa a ser responsável pelas ações humanas que são estendidas à consciência, em consequência disso vai surgir o problema da justiça e a questão do juízo final. Cito Locke:

Com efeito, quanto a esse ponto de ser o mesmo eu [*self*], não importa se esse eu presente [*present self*] é constituído pela mesma ou por diferentes substâncias, desde que eu esteja tão preocupado e seja tão justamente responsável por qualquer ação feita há mil anos, associada a mim agora por essa autoconsciência [*self-consciousness*], quanto eu sou pelo que fiz no último momento. (LOCKE, 2015, p. 181)

Na sequência, Locke apresenta a questão do conceito técnico de consciência e conscienciosidade, no que o primeiro refere-se ao pensamento que acompanha o ser, tornando-o diferente de outras pessoas, isso é o que consiste a identidade pessoal para que a pessoa seja sempre a mesma. Já o segundo diz respeito aos pensamentos e ações passadas. Nessa divisão de conceitos técnicos, Leibniz concorda com eles, mas aborda que a consciência possui falhas, para melhor exemplificar isso cito o filósofo alemão:

Assim, se uma enfermidade tivesse feito uma ruptura da continuidade da ligação de consciência, de maneira que eu não soubesse como eu me teria tornado no estado presente, embora me lembrasse das coisas mais longínquas no tempo, o testemunho dos outros poderia preencher a lacuna da minha reminiscência essa doença. (LEIBNIZ, 1992, p. 174)

Assim, Leibniz afirma que apenas a consciência não constitui a identidade pessoal, porque isso não é suficiente para manter uma identidade moral de uma pessoa após um esquecimento, mesmo que alguns testemunhos relatem o que aconteceu, isso não é suficiente para comprovar que algo é verdadeiro ou de fato aconteceu.

Com a noção de identidade pessoal pré-estabelecida, cito o filósofo inglês para expor o que constitui a identidade pessoal:

Sendo a mesma consciência que faz um homem ser ele mesmo para ele mesmo [*be himself to himself*], a identidade pessoal depende somente disso, tanto se ela estiver vinculada somente a uma substância individual ou puder se manter numa sucessão de várias substâncias. (LOCKE, 2015, p. 177)

⁶ O *eu* é um conceito de Locke que aparece no (§17), para mostrar a dependência do *eu* com a consciência atribuindo-lhe responsabilidade pelas ações e pensamentos cometidos pelo indivíduo.

Para Locke é nítido que a identidade pessoal é constituída pela noção de consciência em que o *eu* é responsável pelas suas ações, enquanto que em Leibniz o que consiste a identidade de uma pessoa é o princípio de vida subsistente chamado mônada, em que a identidade pessoal seria dada através da unidade da alma que contém uma harmonia pré-estabelecida entre alma e corpo.

Ação criativa em Derrida e Deleuze

Para abordar a análise criativa, devemos começar pela obra de Derrida intitulada *Escritura e a diferença*, mas especificamente o primeiro capítulo denominado “Força e Significação”.

Segundo Derrida, para entender o texto como escritura é preciso fazer uma crítica literária acerca do modo clássico de perceber o livro. Essa crítica é feita em cima de uma visão de Jean Rousset⁷ que defende o estruturalismo caracterizado por priorizar a forma, em detrimento da força do texto. Na crítica de Derrida, ele propõe uma nova forma de pensar uma filosofia da linguagem, baseada na filosofia da ausência, porque para ele o papel das palavras não é o de substituir algo, elas possuem uma ausência pura que não é nenhum tipo de representação ou pensamento a priori. O texto se faz em si mesmo, a linguagem sendo produzida na linguagem, ou seja, não está preocupado com a presença, nem com sinalização, “Só a ausência pura- não a anuncia disto ou daquilo- mas a ausência de tudo em que se anuncia toda a presença- pode inspirar, ou por outras palavras trabalhar, e depois fazer trabalhar.” (DERRIDA, 2014, p. 09)

Essa nova filosofia da linguagem permite pensar o que o pensamento, a representação, tem uma palavra, a consciência. A consciência do Derrida não é uma consciência moderna, no sentido de Descartes ao Kant. É de outro tipo, consciência pós-freudiana. Para ele, a obra literária é independente de tentar encontrar a intenção do autor, ela opera no jogo de sentido, que é imprevisível que surge contra a vontade. Não é o pensamento que ensina sobre a obra, é escrevendo que entende como o pensamento funciona de modo imprevisível. Essa noção tem ligação com a consciência, depois de Freud ela vai ser determinada pelo um conteúdo inconsciente, ou seja, toda filosofia que só trata da

⁷ Jean Rousset (1910-2002) foi um crítico literário suíço que trabalhou na literatura francesa. Sua principal obra é intitulada de *Forma e Significação* publicada em 1992.

consciência, mas não aborda a inconsciência, são contra essas filosofias modernas, de Leibniz e Locke por exemplo.

A ideia é olhar pra obra literária e entender como ela produz sentido, tentar achar a força e não a forma da obra. A força da obra está na operação chamada de flutuações indefinidas entre possibilidades seja sintáticas, ou melhor, na sobrecompossibilidade no âmbito das significações é criado no momento da escrita, não tem nada anterior, nem o mundo, nem o pensamento é anterior. Um ponto central do texto de Derrida consiste na imaginação criadora que é operada pela liberdade poética, cito o filósofo:

Para aprender mais de perto a operação da imaginação criadora, é preciso portanto virar-nos para o invisível interior da liberdade poética. É preciso separarmo-nos para atingir na sua noite a origem cega da obra [literária, *ex nihilo*?]. (DERRIDA, 2014, p. 8-9)

Esse invisível interior da liberdade poética é a gênese da criação ou a palavra primitiva, ela é criada na noite, ou seja, não tem nada a ser visto, não tem referente. O texto literário é produzido no próprio texto, seu sentido é produzido somente na escritura, não há um lugar de onde ele vem, “Pois se trata de uma saída para fora mundo, em direção a um lugar que nem é um não-lugar nem um outro mundo, nem uma utopia nem um alibi” (DERRIDA, 2014, p. 9). Para Derrida, a criação literária tem que criar a partir do nada sendo produzida na linguagem. O modo de ausência que inspira a criação, cito Derrida:

[...] esse nada essencial a partir do qual tudo pode aparecer e produzir-se na linguagem, e acerca do qual a voz de Blanchot nos lembra com a insistência da profundidade que é a própria possibilidade da escritura e de uma inspiração literária em geral. Só a ausência pura- não a ausência disto ou daquilo- mas a ausência de tudo em que se anuncia toda a presença- pode inspirar, ou por outras palavras trabalhar, e depois fazer trabalhar. (DERRIDA, 2014, p. 9)

Derrida faz uma crítica idealista a questão de supor que haja algo que é criado. Ele afirma que a liberdade poética se distancia, dessa prévia de algo existente no pensamento. Com isso, aborda sobre o livro puro que é pautado sobre o que está escrito, ou seja, contido na própria linguagem, esse livro descarta a ideia de capturar a intenção do autor. A intenção não é importante para Derrida, pois anula a liberdade poética. O livro é ausência pura, ou seja, a criação é a partir do nada. Um exemplo disso, é a criação do mundo pelo Deus cristão, é a partir do nada, cito Derrida “O livro puro, o livro em si, deve ser, pelo que nele é mais insubstituível, esse “livro sobre nada” (DERRIDA, 2014, p. 9).

O outro filósofo que iremos utilizar para analisar o caráter criativo é Deleuze e Guatarri com seu livro intitulado *O que é filosofia?*, para entender sua filosofia da linguagem é preciso fazer um breve contextualização acerca da produção do conceito como ação

criadora para a filosofia. O conceito para ele é um expresso, vem do ambiente que é a expressão, muitas vezes a expressão anterior ao conteúdo. Para Deleuze, o criador da filosofia da linguagem não foi o Aristóteles. O primeiro que pensou uma filosofia da linguagem foram os estoicos, por que eles separam o conteúdo da expressão. A expressão faz parte daquilo que ele chama de incorporeal e o conteúdo faz parte daquilo que ele chama de o plano dos corpos. A filosofia se faz na linguagem, se faz no expresso.

Para Deleuze a filosofia da linguagem não deve se confundir com o problema nem da significação e nem da subjetivação. Subjetivação é para filosofias que tratam do sujeito, por exemplo, a filosofia de Leibniz e Locke, é uma filosofia moderna do sujeito. O problema da significação em Leibniz e Locke é pensado em um movimento aristotélico, Deleuze recusa essa filosofia da linguagem defendida por Aristóteles, em prol da filosofia dos estoicos.

Deleuze aborda que o caráter criativo se efetiva no plano do expresso em um ambiente criado pela linguagem que ele chamará de plano de consistência, o conceito para ele não tem referente, não há um estado de coisas e não diz respeito há uma rerepresentação. Então, ao que o conceito se refere? Segundo Deleuze, ele é auto referente, uma independência entre conteúdo e expressão. Essa é a principal característica da linguagem, pois uma vez que ela é independente dos conteúdos o filósofo pode criar. Então, a filosofia acontece na linguagem. Cito Deleuze: “O conceito define-se por sua consistência, endoconsistência e exo-consistência, mas não tem referência: ele é autorreferencial, põe-se a si mesmo e põe o objeto, ao mesmo tempo que é criado” (DELEUZE, 1992, p. 34)

Deleuze difere de Derrida no que concerne ao significado e sentido, porque tudo acontece no plano do sentido. Para Deleuze, o conceito só pode ser auto referente, pois a linguagem pode ser independente do conceito. Especialmente quanto as quaisquer funções sinalizadoras de referência, estado de coisas e de uma palavra primitiva, uma palavra princípio, nós tínhamos aquilo que chamamos de Genesis, ex nihil (A partir do nada). O conceito surge a partir do nada, assim como a palavra primitiva, ela não tem vinculação com conteúdo, ela é auto referente. Então a linguagem tem essas características de fazer sentido independente do conteúdo do qual ela se referiria.

A partir disso, Deleuze caracteriza o que é um conceito, para ele “O conceito é um incorporeal, embora se encarnar ou se efetue nos corpos. Mas, juntamente, não se efetua” (DELEUZE, 1992, p. 33). Ao afirmar isso, ele está apontando para a filosofia da linguagem dos estoicos, em que o conceito diz respeito há um outro regime independente, que é a expressão. Ele pode se efetuar no estado de coisas, mas ele não se confunde. “O conceito diz

um acontecimento, não a essência ou a coisa” (DELEUZE, 1992, p. 33). Em outras palavras, está associado ao expresso.

O filósofo francês diz que é necessário criar um plano de consistência na linguagem, esse plano de consistência diz respeito a expressão. Quando se cria um conceito, está no mínimo associado a outro conceito. Cito Deleuze:

Não há um conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual a filosofia “começa”, possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão. (DELEUZE, 1992, p. 27)

Existe um caos mental, organizamos e atribuímos nome a ele. A filosofia organiza esse caos mental e cria um certo plano de consistência.

Deleuze acredita que palavras vazias de significados tem todo sentido. Inclusive, a filosofia não for ter sentido nenhum, ele acontece no plano do expresso. Tem que ter essas características, a linguagem tem que criar ela mesma, ela tem que agir. A palavra de primitiva tem o básico segundo Derrida. No Deleuze, a coisa se corporifica no expresso. No Derrida, isso acontece dentro do texto, a produção de sentido acontece no texto, o conteúdo é outra coisa.

A filosofia de Deleuze, começa com a filosofia dos estóicos, que diz que o incorporal tá sempre na dependência de uma casualidade incorporal, então ele não consegue produzir, mas o expresso produz. Em Deleuze não há sujeito prévio, não tem nada anterior. Por isso, na sua filosofia toda sociedade tem responsabilidade. É muito diferente da filosofia moderna, de Locke e Leibniz. Além disso, todo conceito é uma espécie de conexão que tem no mínimo dois componentes, eles surgem sempre associado há um problema, cito Deleuze:

Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida da solução: estamos aqui diante de um problema concernente à pluralidade dos sujeitos, sua relação, sua apresentação recíproca. (DELEUZE, 1992, p. 27-28)

Por fim, iremos analisar o caráter criativo dos conceitos de mônada e identidade pessoal do ponto de vista de Derrida e Deleuze. Diante disso, surge algumas perguntas. De onde Leibniz e Locke tiraram esses conceitos? Por que inventarem esses termos, mônada e identidade pessoal? A resposta é simples, segundo Derrida a criação filosófica se dá através da liberdade poética, ou seja, através do nada. Então, Leibniz e Locke tiraram esses conceitos a partir nada. Sobre os termos, assim como Deleuze, todo conceito procura responder um problema existente, sendo assim um conceito é sempre associado a um problema e é ele que dá sentido ao conceito. Desta forma, pode-se dizer que Leibniz e Locke

são criadores, uma vez que criaram o conceito de mônada e identidade pessoal a partir do nada.

Considerações Finais

Diante do que foi supracitado, pode-se perceber que há uma divergência entre Leibniz e Locke no que concerne à identidade pessoal e mônada. Para Locke é nítido que a identidade pessoal é constituída pela noção de consciência em que o *eu* é responsável pelas suas ações, enquanto que em Leibniz o que consiste a identidade de uma pessoa é o princípio de vida subsistente chamado mônada, em que a identidade pessoal seria dada através da unidade da alma que contém uma harmonia pré-estabelecida entre alma e corpo.

Na segunda parte, foi abordado o aspecto criativo em Derrida e Deleuze. Para Derrida, o aspecto criativo se dá através da liberdade poética, que é a partir do nada. Já Deleuze prioriza a produção de conceito como ação criadora para a filosofia. Por fim, foi feita uma análise criativa com base nesses autores. Portanto, pode-se perceber que os conceitos de mônada e identidade pessoal são exemplos de criações filosóficas, porque esses termos foram criados do nada.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1 ed., 1992

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014. - (Estudos; 271/dirigida por J. Guinsburg)

LEIBNIZ, G. W. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Tradução de Flavio Fontenelle Loque. Minas Gerais: Sképsis, 2015